

## Genesis 3.15 é um cumprimento Messiânico?

**a) Entre a tua descendência e o seu descendente** (וּבֵין זְרַעֲךָ וּבֵין זְרַעָהּ) A palavra hebraica traduzida por “descendência” (זְרַע) é singular coletivo. O texto antecipa a luta constante entre os seres humanos (filhos da mulher) e cobras venenosas mortais (descendência da serpente) *Sib. Or.* 1:59–64. Josefo, *Ant.* 1.1.4 (1.50-51).

**b) Este te ferirá a cabeça** (הוּא יְשׁוּפֵךְ רֹאשׁ). O pronome singular e o verbo concordam gramaticalmente com o substantivo singular “descendência coletiva” (זְרַע). Para outros exemplos do verbo no singular e formas pronominais sendo usados com o singular de “descendência coletiva” se vê em Gn 16.10; 22.17; 24.60. A palavra “cabeça” é um acusativo adverbial, localizando o golpe. Um duro golpe na cabeça seria potencialmente fatal.

**c) E tu lhe ferirás o calcanhar.** (וְאַתָּה תִּשׁוּפְנֹנּוּ עֲקֵב) A cláusula disjuntiva (conjunção + sujeito + verbo) é entendida como contrastiva. Ambas as cláusulas colocam o objeto antes do verbo, uma construção que, por vezes, é utilizado para indicar a ação sincrônica (Jz 15.14).

Gn 3.15. O efeito retórico retrata o conflito como sendo entre a serpente e a descendência da mulher, como se a serpente fosse sobreviver a mulher. A declaração é personalizada para o bem do destinatário (a serpente) e reflete o antigo conceito semita de solidariedade corporativa, que enfatiza a estreita relação entre um progenitor e sua prole.

Em Gn 28.14, onde o Senhor diz a Jacó, “A tua descendência será como o pó da terra, e você [segundo masculino singular] vai se espalhar em todas as direções”. Jacó vai “espalhar” em todas as direções através de sua descendência, mas o texto afirma o assunto como se isso vai acontecer com ele pessoalmente.

A natureza etiológica de Gn 4.15 é aparente, embora a sua relevância para o homem moderno ocidental é, talvez, perdido porque raramente ficar cara a cara com cobras venenosas. Antigos israelitas, que muitas vezes encontramos cobras em suas atividades diárias (Ec 10.8; Am 5.19), iria encontrar a declaração bastante significativa como uma explicação para a hostilidade entre cobras e seres humanos. (para comparar o antigo Oriente aos presságios das serpentes na Mesopotâmia. Veja H. W. F. Saggs, *The Greatness That Was Babylon*, 309.)

Muitos teólogos cristãos (voltados para Irineu) entendem Gn 4.15 como o chamado Protoevangelium, supostamente profetizando a vitória de Cristo sobre Satanás (W. Witfall, Gn 3.15 – a Protevangelium?" *CBQ* 36 [1974]: 361-65; e R. A. Martin, “As primeiras interpretações messiânicas de Gn 3.15” *JBL* 84 [1965]: 425-27). A referência à pessoa de Cristo foi ensinada por Irineu de Lyon, mas nunca foi aceito na Igreja a ideia de que a serpente fosse um instrumento de Satanás.

Nesta abordagem alegórica, descendência da mulher é, inicialmente, Caim, em seguida, toda a raça humana e, finalmente, Jesus Cristo, o filho do homem (Gl 4.4).

A descendência da serpente inclui os poderes malignos e demônios do mundo espiritual, bem como os seres humanos que estão no reino das trevas (Jo 8.44). De acordo com este ponto de vista, a passagem dá a primeira dica do evangelho. Satanás oferece um duro golpe para a semente da mulher (Jesus), que por sua vez proporciona um golpe fatal para a serpente (primeiro derrotá-lo através da morte e ressurreição [I Cor 15.55-57] e, em seguida, destruí-lo no julgamento [Apo 12.7-9; Apo 20.7-10]).

A interpretação messiânica da “semente da mulher” aparece no  $\epsilon^1$ , onde o versículo é explicado a comunidade judaica da sua vitória sobre o diabo, nos dias do Messias.

Exegetas medievais baseando-se no vocábulo *ipsa* da Vulgata aplicaram a expressão diretamente à Virgem Maria. Na teologia protestante essa visão deu lugar à visão mais razoável de Calvino, onde a passagem é uma promessa de vitória sobre o diabo para a humanidade, unidos em Cristo, sua Cabeça divina. Entretanto esse raciocínio vai além do significado original do versículo, pois é de fato duvidoso que, do ponto de vista estrito histórico e exegetico.

1) Há uma mensagem de esperança e encorajamento no meio de uma série de maldições e punições o qual não deve ser assumida a menos que seja claramente implícita na língua. Está fora de harmonia com o tom não só da história do Paraíso, mas nas seções Javísticas dos capítulos 1-11 até que se chega à história patriarcal onde a “promessa de esperança” é firmada.

2) Para a mente do narrador, a serpente não é mais que um símbolo do poder do mal ou da tentação. Não há nenhum indício de que ela representa um princípio do mal para além de si mesma.

3) A ordem das cláusulas torna-se especialmente difícil supor que a vitória do homem foi contemplada. Um conflito ordenado por Deus não pode ficar sem perspectivas de sucesso.

A essência da tentação é que a serpente adulterou o instinto religioso no homem, insinuando desconfiança da bondade de Deus. Originalmente a “semente da mulher” e a “semente da serpente” são personagens mitológicos (*ATLO*<sup>2</sup>, 217 f.).

4) A estrutura gramatical de Gen 3:15 não sugere essa visão. A repetição do verbo “ferir” (פָּרַח), bem como a ordem das palavras, sugere hostilidade mútua e é o que está sendo retratado, e não a derrota da serpente.

5) Se a derrota da serpente estava sendo retratado, é estranho que a suposta descrição de sua morte vem em primeiro lugar na sentença. Se ele já foi esmagado pela “semente”, da mulher, como poderia ele ferir o calcanhar? Para sustentar o ponto de vista alegórico de Gen 3:15 deve ser traduzido em uma das seguintes formas: “esta te ferirá a cabeça, mesmo que você ataca o calcanhar” (caso em que a segunda cláusula fosse concessiva) ou “esta te ferirá a cabeça, quando você ataca o calcanhar”.

15. **יָרַע**] no sentido de “descendência”, é quase sempre coletivo. Em alguns casos é usado de uma criança individual (4:25? 21:13, 1 Sa. 1:11) denota a descendência imediata, a promessa da posteridade, nunca um descendente remoto (Nö. *ARW*, viii. 164 ff.). A aplicação messiânica, portanto, não se justifica na gramática.

**הוּא**] o vocábulo *ipsa* (**ו**) é dito não ser encontrado nos pais das Igrejas antes de Ambrósio e Agostinho (Zapletal, *ATliches*, 19).

**יְשׁוּפֶדְךָ תְּשׁוּפֵנִי** (te ferirá... lhe ferirás) A forma **שׁוּף** só se repete Jo. 9:17, Sl. 139:11, mas o texto e significado são duvidosos. Em Aram e NH o  $\sqrt{\text{ע}}$  (**ע"ו** ou **ע"ע**) tem o sentido primário de “esfregar”, portanto, “desgastar” = “esmagar”; em Syr. significa “rastrear”. Há alguns exemplos de uma tendência de **ע"ו** vbs. para fortalecer-se por meio da inserção de **ס** (Kön. i. 439), e muitas vezes é suposto em certas passagens (Ez. 36:3, Am. 2:7, 8:4, Sl. 56:2, 3, 57:4) **שׁוּף** é distinguido sob a forma de **שׂאשׂ**. Mas o único lugar pressuposto é Am. 2:7, 8:4, onde o **ס** pode ser simplesmente *mater lectionis* pelo  $\hat{a}$  do ptcp. O processo inverso (substituição de **שׁוּף** para **שׂאשׂ** é muito menos provável; e o único possível exemplo seria Jo. 9:17, que é incerto. Não há, portanto uma suposição de confusão neste verbo.

---

ARW Archiv für Religionswissenschaft.

NH ‘New Hebrew’, the language of the Mishnah, Midrashim, and parts of the Talmud.

Kön.

Genesis, eingeleitet übersetzt and erklärt.

F. E. König, Historisch-kritisches Lehrgebäude der hebräischen Sprache (2 vols., 1881–95).

Historisch-comparative Syntax der hebr. Sprache (1 97).

